

Bruna Fernandes, Camila Lopes Manetti, Dagna Karen de Oliveira, Diana Loch Duessmann, Dyayne Carla Banovski, Gabriela Rezende Vieira, Isadora Maria Pilati Campos, Queren Hapuque Oliveira Alencar, Paula Bragato Futagami e Renata Bragato Futagami

Universidade Federal Do Paraná  
bruufernaandes96@Gmail.Com

## INTRODUÇÃO

A asfixia neonatal é caracterizada pela falta de oxigenação que resulta em hipoxemia, hipercapnia e acidose. O episódio asfíxico contribui para a morbimortalidade neonatal e frequentemente cursa com graves sequelas neurológicas. Suas causas podem ser resultantes de patologias maternas, obstétricas, útero-placentárias e/ou fetais.

## OBJETIVO

Analisar os óbitos decorrentes de asfixia neonatal no Brasil entre os anos de 2015 a 2018.

## MÉTODO

Estudo descritivo e transversal, com abordagem retrospectiva dos óbitos por asfixia neonatal provenientes do Sistema de Informações sobre Mortalidade.

## RESULTADOS

De 2015 a 2018, registrou-se 3.981 óbitos por asfixia neonatal, embora tenha ocorrido uma redução de 18,88% no período. Dos casos, 76,46% envolviam mães com idades de 15 a 34 anos e 43,88% com escolaridade de 8 a 11 anos. A gravidez única (87,47%), com idade gestacional entre 37 e 41 semanas (38,28%) e parto vaginal (55,44%), apresentaram maiores porcentagens.

## CONCLUSÃO

Os dados encontrados são semelhantes a estudos isolados de mesmo perfil realizados, há mais de uma década, em diversos estados do país, o que demonstra que o contexto que leva à morte por asfixia em neonatos com condições, a princípio, sem risco, não se modificou. Os possíveis fatores desencadeantes de episódios asfíxico são deficiência de infraestrutura, grande demanda das gestantes em relação à disponibilidade dos médicos, falha na monitorização do parto, o não emprego de técnicas corretas de reanimação neonatal, dentre outros. Logo, o número alarmante de quase quatro mil óbitos sugere que a avaliação e intervenção rápida, capacitada e precisa durante a assistência pré-natal ao pós-parto são estratégias ainda frágeis no Brasil que necessitam de maior aprimoramento por meio de políticas de saúde.

## REFERÊNCIAS

- Cansino VRA. **Asfixia perinatal**. Rev Méd MD, 2017.
- Daripa M., et al. **Asfixia perinatal associada à mortalidade precoce: estudo populacional dos óbitos evitáveis**. Revista Paulista de Pediatria, v.31, n. 1, p. 37-45, 2013.
- Miranda M. A. R., Latamblé N. T. L., Baró Bouly T. B. **Asfixia al nacer: factores de riesgo materno y su repercusión en la mortalidad neonatal**. Revista de informacao científica v. 96 n. 6, 2017.
- Mulligan JC, Painter MJ, O'Donoghue PA et al. **Neonatal asphyxia II. Neonatal mortality and long term sequelae**. J Pediatrics vol. 96 n. 5, p.903-907, 1980.
- Organização Mundial da Saúde. **Sobrevivência Neonatal**, 2006.
- Reis L.A., et al. **Análise epidemiológica de asfixia perinatal em recém-nascido do hospital geral prado valadades (HGPV)**. Revista Baiana de Saúde Pública, v.33, n.3, p. 311-322, 2009.
- Rosa I.R.M, Marba S.T.M. **Fatores de risco para asfixia neonatal em recém-nascidos com peso acima de 1000 gramas**. Jornal de Pediatria vol. 75, n.1, 1999.